

VIVO O SABOR DESTA TRISTEZA AO LIMITE

Vivo o sabor desta tristeza ao limite.
A tristeza não é uma bebida de verão.
Nem uma praia no Verão sem guarda-sóis.
Um guarda-sol nas pálpebras
talvez faça sentido
mas os olhos
não resistem e fecham-se.

Eu concebo esta história de forma diferente.
Cansado de palavras ocas
olho, contemplo o mundo e nada muda?
Nada muda! Eu digo-o e repito-o
com a minha voz sofrida.
A Mesa presente no Mercado tem cantos,
toalhas de mesa, chapéus e é redonda,
redonda como o mundo.
As iguarias não saciam a sua ganância
e nesse círculo de cadeiras contadas,
o seu número e os seus delírios são fixos.

Os pobres já não têm palavra.
Aproximam-se da Mesa,
mendigos contagiados ainda
de uma tibia esperança.
Mas que seja!
As migalhas que caem da sua Mesa
já têm dono:
os seus cães de guarda
e os seus lacaios.

Hoje como ontem, os pobres multiplicam-se
tal como a sua fome, o seu desamparo e o seu desespero.
Os seus sonhos estão enevoados
ou ainda existem estrelas solitárias
que deslumbram os seus caminhos
e ressuscitam,
hoje como ontem, os seus sonhos
"impossíveis"?

Eu concebo esta história de forma diferente.

O tempo medirá os nossos esforços
e talvez o relógio da nostalgia
nos devolva de forma inocente a
esperança.
Gritai que estou equivocado,
que tudo muda
e um dia não distante
derrubarão a Mesa apodrecida
do Mercado e haverá lugar para todos.
Abro as minhas mãos
e como numa concha semiaberta
que reverdeçam também todos os meus
sonhos.

Las Palmas, 2020

Blas Márquez Bernal, cmf
(FOTO: [Spencer Davis](#))

